



INTERAÇÃO E AUTONOMIA: O TRABALHO COM NARRATIVAS FANTÁSTICAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Maria Eduarda Paiva de Araújo¹
Nathália Gomes de Almeida²
Marcos José de Pontes³
Rossana Regina Guimarães Ramos Henz⁴

O que se deseja é que o professor deixe de ser um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas.

(PIAGET, 1973)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fomentar discussões acerca de um projeto desenvolvido por bolsistas de um Núcleo de Letras do PIBID a partir do trabalho com narrativas fantásticas em sala de aula, fugindo do método tradicional e fundamentando-se na teoria construtivista. Contribui, assim, para a desmistificação do pensamento de que não é possível haver a construção do conhecimento se a teoria utilizada for a teoria construtivista. Ao contrário do que afirma esse pensamento, obteve-se resultados satisfatórios pela mediação do conhecimento em sala de aula por meio da interação e da autonomia. Os alunos puderam ocupar o espaço de protagonistas e tiveram autonomia para decidir, por exemplo, o gênero que gostariam de trabalhar. A partir disso, as atividades envolvem desde narrativas folclóricas, como a lenda da *Comadre Fulozinha*, até narrativas do gênero terror. Em uma reflexão a respeito da prática docente e do espaço que os alunos têm ocupado na realização das atividades propostas no ambiente da sala de aula, propõe-se aqui uma prática em que os alunos são protagonistas e os professores atuam enquanto mediadores da interação aluno-matéria de aprendizagem.

Palavras Chave: Fantástico; Construtivismo; PIBID.

INTRODUÇÃO

1 Estudante do curso de licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID (mdupaiva@gmail.com);

2 Estudante do curso de licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID (natgdalmeida@outlook.com);

3 Professor Supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID – Núcleo de Letras, Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte (marcos.avante16@gmail.com);

4 Professora Coordenadora do Núcleo de Letras – Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte – do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID (rossana.ramos@upe.br).

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

O processo de aprendizagem, em um viés construtivista, se realiza, segundo Matui (1995, p.49), em um ambiente em que estejam presentes a autonomia, a democracia, a dialogicidade e a reciprocidade social, para que ocorra, de maneira plena, a interação entre o discente e a matéria de aprendizagem. Todos esses componentes de um ambiente ideal para a realização da prática construtivista são muito importantes, pois juntos colaboram para uma aula em que o discente é protagonista e possui autonomia para guiar o andamento das atividades. Isso faz com que ele deixe de estar apático em sala de aula e passe a ser ativo em todo o processo de ensino e aprendizagem (MATUI, 1995, p.84).

Percebe-se que, de fato, por algum motivo a criança pode, eventualmente, encontrar-se apática em sala de aula, indiferente ao que está acontecendo ao seu redor, mas isso não significa que ela seja apática, que seja um “aluno fraco”, como costumam dizer alguns docentes. Pelo contrário, significa que o aluno apenas está assim, momentaneamente, e não que ele é assim, definitivamente. Na base dos princípios da teoria construtivista, o aluno é protagonista da sua própria construção do saber, atuando ativamente nesse processo.

A maneira que ocorre esse processo de construção do saber faz toda a diferença na vida do discente, não só enquanto aluno de uma escola, mas também enquanto cidadão na sociedade. O aluno aprenderá dentro do ambiente escolar como funcionam as relações em sociedade, pois será necessário interagir, ouvir, respeitar e utilizar-se da dialética para compreender a opinião de todos que estarão presentes em sala e também para formar a sua própria opinião a respeito dos assuntos abordados. Aprenderá também a solucionar problemas que eventualmente podem aparecer, tendo a ver ou não com a atividade; podendo ser de caráter de convivência em sala de aula, por exemplo.

Quanto às práticas de leitura e escrita em sala de aula, é indispensável a atuação do aluno enquanto sujeito ativo do seu processo de formação leitora, de diálogo com o mundo que o cerca. Afinal, a leitura e a escrita são, antes de tudo, práticas sociais e, por isso, permeiam diversas esferas do cotidiano humano. Diante do valor da leitura e da escrita em uma sociedade *grafocêntrica* como a nossa, o professor deve atuar enquanto mediador de um ambiente escolar que proporcione aos alunos experiências e práticas significativas de contato com o mundo.

SOBRE O CONSTRUTIVISMO

Antes de nos aprofundarmos a respeito da nossa prática, vamos, de maneira sucinta, relembrar o que, de fato, é o construtivismo. Segundo Fernando Becker (2009, p.02):

O construtivismo não é uma prática ou um método; não é uma técnica de ensino nem uma forma de aprendizagem; não é um projeto escolar; é, sim, uma teoria que permite (re)interpretar todas essas coisas, jogando-nos para dentro do movimento da História - da Humanidade e do Universo.

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.



Entende-se, portanto, que a teoria construtivista enxerga o aluno não como uma tábua rasa, sem conhecimento algum, mas sim como um ser que já possui um conhecimento a respeito das coisas que serão estudadas. E é justamente esse conhecimento prévio que os alunos possuem que será usado como ponto de partida para a realização das atividades em sala de aula. Não mais dando crédito à ideia de que são meros depósitos de conhecimento, como enxerga a educação bancária, mas que são sujeitos e já trazem consigo experiências, hipóteses e opiniões a respeito dos conteúdos.

Todo esse processo de aprendizagem dentro do construtivismo é um processo que ocorre de maneira dinâmica e que busca sempre um equilíbrio, sem deixar para trás tudo que já foi construído; pelo contrário, ele revê, acrescenta e atualiza, de acordo com as necessidades ou lacunas que surgirem. É como se cada vez que algo fosse construído, em algum momento uma brecha surgisse e então fosse necessária uma reconstrução, fazendo com que, na prática, o processo de construção do saber nunca cesse.

Ademais, uma das características cruciais do construtivismo é a interação. A teoria construtivista é uma teoria interacionista e, como tal, ela pode trazer grandes contribuições para o ensino. Afinal, é extremamente necessária a interação no processo de ensino e aprendizagem de um indivíduo. Uma maneira de pôr em prática a interação é recorrendo ao diálogo, que é também um grande aliado ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, e também na relação entre sujeito e objeto. E falando em objeto, ele é tão importante quanto o sujeito nesse processo de aprendizagem, segundo a perspectiva construtivista, um não existe sem o outro.

Logo, fica evidente que a teoria construtivista só tem a acrescentar positivamente ao processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, pois ela proporciona a oportunidade de os discentes atuarem como protagonistas, de terem seus conhecimentos prévios respeitados e de construírem de forma coletiva, utilizando a interação como instrumento, o conhecimento.

Ao buscar alternativas para provocar a curiosidade e a busca constante de significação de mundo em seus alunos, o professor atua como orientador e facilitador do conhecimento. Em um processo de reflexão, de construção e reconstrução de sua prática, compreende o aluno a partir da sua interação com o meio social e cultural no qual está inserido.

SOBRE A LITERATURA NA ESCOLA: UM CAMINHO PELAS NARRATIVAS FANTÁSTICAS

A literatura, segundo Souza (2011, p.102) ocupa um lugar único no que concerne à linguagem. Sendo a literatura uma forma singular de letramento, proporciona a inserção do aluno ao mundo da escrita, em um processo de construção literária de sentidos. E essa construção de sentidos na literatura dialoga, assim como

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

em outras práticas de letramento, com as conexões e interações do sujeito com o mundo que o cerca.

As narrativas fantásticas estiveram presentes na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Histórias contadas através da tradição oral tentavam explicar e compreender o mundo a partir da criação de mitos e de fabulações. Portanto, a construção de narrativas tradicionais, como mitos e contos de fada, é moldada em temáticas de caráter fantástico, na relação real-imaginário, e universal; de desejos, medos e inquietações, sentimentos compartilhados através de gerações, por diversas pessoas de diversas partes do mundo, ultrapassando os limites do tempo e do espaço. É justamente esse caráter humano e universal que explica a perpetuação e a propagação dessas narrativas, tradicionais e literárias.

De acordo com Todorov (2004, p.16), a literatura de cunho fantástico é caracterizada pela relação entre as formas do natural e do sobrenatural, do real e do imaginário. Uma relação que:

Para Todorov, [...] ocorre por meio da incerteza e da hesitação provocada no leitor, ou seja, é um acontecimento estranho e diferente do comum que invade nosso mundo familiar (CASTRO, 2014, p.14).

Os contos de fadas, os contos maravilhosos, as narrativas folclóricas e os romances góticos são exemplos de narrativas vinculadas à literatura fantástica. Narrativas que possuem em sua composição elementos típicos do universo literário do fantástico. É pela realidade reelaborada do imaginário que o homem reflete, questiona e recria – o mundo, a existência e a própria condição humana (COSTA, 2018, p.63). São histórias que, ao romper com a nossa realidade factual, continuam a atrair pessoas de todas as idades e de todo o mundo, mas que encantam especialmente um público leitor mais jovem. Portanto, não é novidade alguma que as obras mais famosas e lidas da literatura juvenil, como *Harry Potter* de J.K. Rowling, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll e *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis, ao envolver temáticas do absurdo, do mágico e do sobrenatural, incorporam elementos narrativos do fantástico, do estranho e do maravilhoso.

Por essa razão, o trabalho com narrativas fantásticas em sala de aula pode trazer muitas vantagens no incentivo à leitura do texto literário, e da leitura de maneira geral, na construção de sentidos em uma perspectiva de letramento e na formação leitora e crítica de nossos alunos. Enquanto professores de língua, é dever nosso mediar essas leituras a fim de ampliá-las, partindo do que já é conhecido pelo aluno a fim de alcançar o desconhecido. Afinal, a literatura:

[...] pode trazer inúmeras vantagens para o desenvolvimento do aluno, ampliando principalmente, mas não somente isso, a capacidade do aluno de conhecimento acerca de si, do Outro e da realidade (COSTA, 2018 49).

SOBRE A PRÁTICA

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

Nesse sentido, os sujeitos ao assimilarem um conhecimento, assimilam conjuntamente, uma visão de mundo, um modo de ser, viver, pensar e agir. Logo, todo conhecimento, e aí se inclui o conhecimento prévio de cada leitor, está submetido a um contexto social, cultural, histórico e ideológico que define as concepções de vida de cada comunidade (COSTA, 2018, p.32).

Diante das discussões acerca da teoria construtivista e da relação literatura e ensino, explanaremos agora como tem se dado a prática de um dos projetos realizados por bolsistas do núcleo de Letras do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal, localizada em uma cidade do interior do estado de Pernambuco.

Partindo de uma proposta de letramento para esse segundo semestre de 2019, decidimos trabalhar em um prisma literário. A princípio, aproveitamos a oportunidade de primeiro contato com os alunos para conhecer melhor suas experiências leitoras e gostos literários. E, como já era esperado, percebeu-se uma inclinação dos alunos às histórias de cunho fantástico. A fantasia, o terror, o sobrenatural, despertavam interesse na maior parte da turma. Dialogando com as narrativas que já faziam parte de um imaginário coletivo, as lendas representaram, em um primeiro momento, um trabalho que se moldou a partir das experiências individuais e coletivas dos alunos, de suas crenças e valores. Afinal, as narrativas folclóricas fazem parte das narrativas tradicionais que permeiam, desde tempos mais remotos, toda vida humana em busca de significação do mundo. Uma das lendas escolhidas para esse momento, e a mais significativa, foi a lenda da *Comadre Fulozinha*, como é conhecida em diversas regiões do nordeste brasileiro. Ademais, as nossas leituras e discussões acerca da figura popular da *Comadre* foram marcadas por relatos dos alunos, na experiência do contar e recontar as histórias vivenciadas por eles mesmos e/ou pelo *outro*. Refere-se, portanto, a uma prática que oferece ao aluno o papel de contar sua própria história – seja ela individual, seja ela parte de uma memória coletiva.

O trabalho com a lenda da *Comadre Fulozinha* despertou ainda reflexões políticas e sociais no que concerne a problemas ambientais, sabendo-se que sua figura mítica é considerada em muitas regiões como uma entidade protetora das matas e dos animais. Em uma prática de construção de sentidos e significação do mundo, os alunos confeccionaram cartazes de conscientização ambiental, proporcionando dentro do ambiente escolar uma discussão pertinente quanto à preservação do meio ambiente, numa relação homem-natureza.

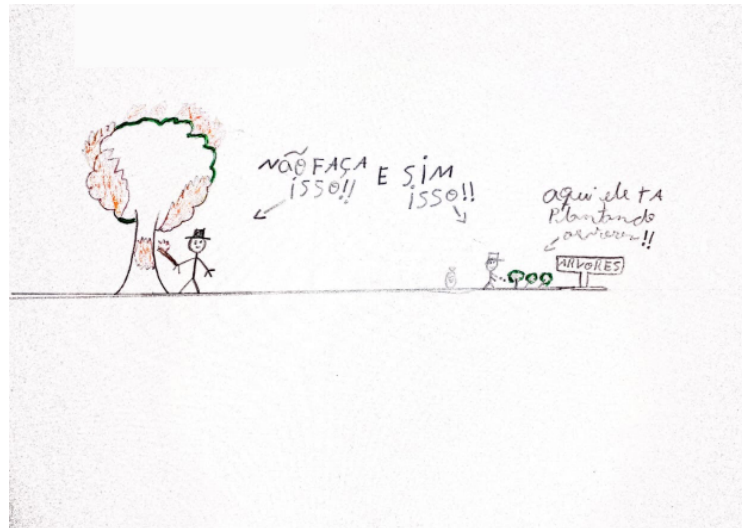


Figura 1: *Preservando o meio ambiente*
Fonte: Natalí Ribeiro

Após a atividade realizada com base nas narrativas fantásticas das lendas, foi a vez de trabalhar com narrativas do gênero terror em sala de aula. O terror, ao despertar no leitor o sentimento de medo, explora, segundo Gens (2012, p.62), os limites da capacidade humana nas fronteiras do desconhecido e do destino humano. Em temas que vão do sonho à loucura, da vida à morte, do natural ao sobrenatural, apresenta uma atmosfera perturbadora e inquietante para o leitor. Quando adentramos nesse mundo fantástico do terror:

[...] podemos conviver com nossos mais primitivos temores sem, no entanto, correr o risco. Talvez seja esse o grande fascínio que elas provoquem no interlocutor. Precisamos do medo ao mesmo tempo em que o evitamos, e não há nada melhor do que tê-lo atenuado pelo processo catártico das narrativas (MOREIRA, 2008, p.34).

Exemplificando as práticas que representam o nosso trabalho com o referido gênero na turma do 8º ano, temos, inicialmente, a realização da atividade de *ressignificação de poemas*. Os alunos, após a leitura compartilhada de poemas que apresentavam elementos típicos da construção do gênero terror, foram convidados a dar um novo significado, a ressignificar, os poemas lidos a partir de desenhos e pinturas. Além disso, na primeira semana do mês de novembro, semana marcada pelas diversas comemorações de celebração aos mortos, realizadas em diversas partes do mundo, proporcionamos aos alunos um momento também de celebração. Com uma decoração temática acompanhada de doces para entrar “no clima”, fizemos a leitura compartilhada e a análise de dois contos de terror, que tinham a *morte* como tema principal, e compartilhamos nossas experiências e relações pessoais com os mistérios do lado mais sombrio de nossas vidas.

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

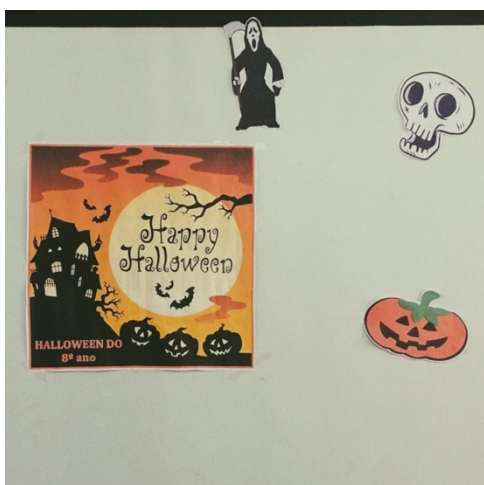


Figura 2 : Halloween.
Fonte: autoria própria.



Figura 3: Um contar de histórias
Fonte: autoria própria



Figura 4: Máscaras
Fonte: autoria própria

Em um outro momento do projeto, o jogo *Fábrica de Contos* foi, após processo de reelaboração, usado para pensar a literatura como um meio possível de incentivo à escrita. A proposta dessa atividade se baseia, portanto, na construção de uma narrativa de cunho fantástico e na reflexão sobre o uso e a disposição dos elementos de construção de uma narrativa. Agora não apenas em uma análise e reflexão no que diz respeito à leitura, mas também à escrita.

Os alunos foram, inicialmente, divididos em grupos. Cada grupo recebeu cinco envelopes contendo sugestões de elementos a serem usados como base para suas

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.

produções: ponto de partida, herói, objetivo, amigo, inimigo, lugar e objeto mágico. Após selecionar esses elementos, os alunos foram, com a ajuda e a mediação de um monitor/bolsista, orientados a reunir e estruturar os elementos por eles selecionados a fim de produzir um conto fantástico. A partir dessa atividade, tivemos a oportunidade de proporcionar aos alunos o exercício da escrita através de um fazer literário, no contato e no diálogo com o fantasioso e o ficcional.



Figura 5: *Fábrica de Contos*
Fonte: autoria própria.



Figura 6: *Construindo narrativas*
Fonte: autoria própria

Durante as semanas finais do semestre, seguiremos na mesma linha de ampliação do universo da literatura fantástica e das práticas de leitura e escrita dos alunos por meio da leitura de mais alguns contos, além do aprimoramento dos processos de reflexão e avaliação da escrita. Portanto, ao refletir sobre as produções realizadas por meio da atividade da *Fábrica de Contos*, os alunos serão encorajados a seguir novos caminhos e a experimentar outras possíveis construções; de reorganização e reconstrução de suas narrativas. Afinal, nosso intuito é de reunir e organizar, no final do projeto, essas narrativas em um livro de contos, que será divulgado e exposto na biblioteca da escola. Desse modo, a escrita na escola passa a ganhar novos sentidos e a se aproximar cada vez mais de sua função social.

E, para finalizarmos, exemplificaremos mais uma parte do nosso trabalho com narrativas fantásticas através do registro de um dos contos produzidos pelos alunos em sala de aula:

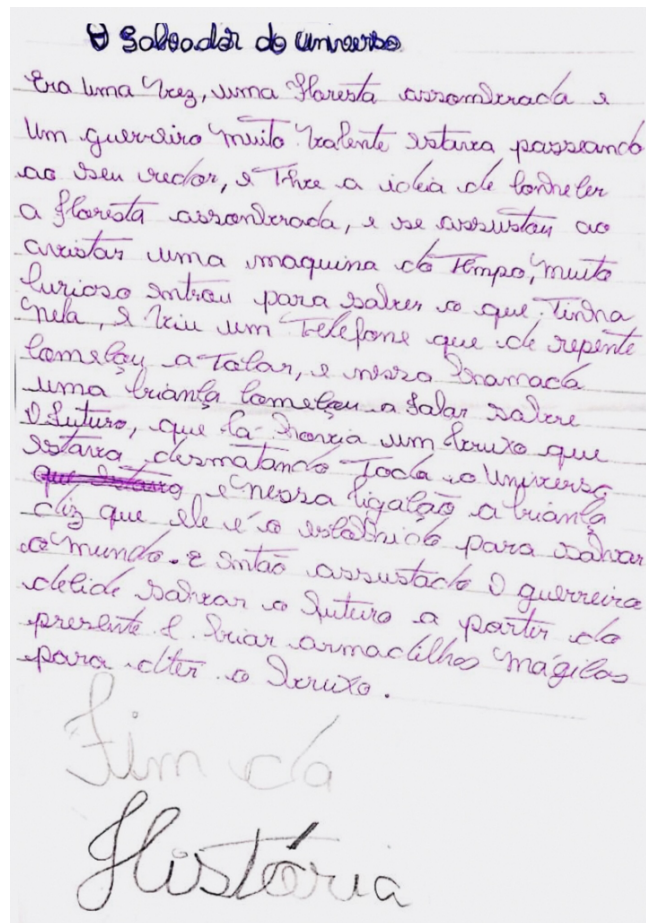


Figura 7: O Salvador do Universo
Fonte: capturada por autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, fica evidente que é possível se trabalhar com práticas de letramento de incentivo à leitura e escrita através de narrativas fantásticas em um viés interacionista e construtivista. Oferece, assim, um suporte que, aliado a uma prática pedagógica reflexiva, faz com que as atividades sejam realizadas de maneira que os alunos se sintam motivados a participar ativamente. E isso só é possível quando eles são vistos como indivíduos que carregam consigo uma bagagem, cultural e de conhecimento, que vem sendo desenvolvida ao longo de suas vidas, sendo essa bagagem fundamental no seu processo de ensino e aprendizagem; ponto de partida para a construção das atividades propostas.

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.



REFERÊNCIAS

BECKER, F. **O que é construtivismo?**. UFRGS – PEAD, 2009.

CASTRO, A. **A literatura fantástica e o incentivo à leitura para jovens e adolescentes**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

CHAKUR, C. Construtivismo e construção: conceitos-chaves para compreender Piaget. In: **A desconstrução do Construtivismo na educação: crenças e equívocos de professores, autores e críticos**. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p.16-25.

COSTA, E. **A leitura literária na sala de aula: a narrativa fantástica contribuindo para a formação de leitores**. Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2018.

GENS, R. Mistérios e Terror. In: **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo, 2012. P. 57-65.

GREGORIO, M.; PEREIRA, P. **Construtivismo e aprendizagem: uma reflexão sobre do trabalho docente**. Educação, Batatais, v. 2, n. 1, p. 51-66., junho, 2012.

MATUI, J. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MOREIRA, A. **O fantástico e o medo: Uma leitura de Mistérios**, de Lygia Fagundes Telles. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo/Editora Unesco, 1975.

SÁ, M. **Da literatura fantástica: teorias e contos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

SOUZA, R.; COSSON, R. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp, 2011.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

I Seminário Pibid e Residência Pedagógica e V Seminário de Iniciação à Docência e Formação de Professores – SEMINID-RP/UPE/2019 Garanhuns 20 a 22 de novembro de 2019.